

A violência da instituição

Nestes tempos de crise, a entrevista com dois sociólogos, apresentados por um responsável pelos estudos da cidade, parecia ser óbvia para o diretor deste colégio situado num “bairro difícil” classificado como “zona de educação prioritária”. Com quase 50 anos, este antigo professor primário proveniente da região poderia esperar coisa melhor. As dificuldades que encontram e suscitam no ensino secundário as crianças de um meio socialmente muito afastado da escola, e que se traduzem também nas tensões que apareceram no estabelecimento desde outubro de 1990, acabaram pouco a pouco transformando sua função, obrigando-o a gerir, dia a dia, as manifestações, maiores ou menores, da violência. Forçado a manter uma vigilância permanente para conservar a limpeza dos edifícios apesar da rápida renovação das pichações e para prevenir este tipo de depredação, ele precisa também se colocar à porta do estabelecimento a cada entrada e saída de alunos a fim de evitar por um lado que professores e alunos sejam assaltados e, por outro, evitar brigas de alunos dentro dos limites do colégio; para assegurar a eficácia desta disciplina permanente e para tentar criar condições próprias para torná-la inútil, ele é obrigado a morar no colégio, e somente no fim de semana pode ir se encontrar, em sua casa, com sua mulher, professora de física numa grande escola de Lyon, e com seus filhos; ele precisa também manter um relacionamento contínuo com o conjunto das autoridades da cidade; ele precisa sobretudo se adaptar às características de seu público e, graças ao conhecimento de seus alunos e a diversos artifícios disciplinares, assumir de alguma forma a violência sem dramatizá-la.

Do ponto de vista escolar, contrariamente às idéias recebidas, os resultados do colégio não são piores do que em outros lugares; correspondem à média do departamento, especialmente no que se refere ao sucesso em conseguir o diploma do colégio (mesmo se o número de alunos atrasados na sexta seja de 65% contra 35% no departamento). Do ponto de vista das características sociais dos alunos – em sua maioria de origem popular e três em cada quatro filhos de pais estrangeiros – é de longe o colégio mais desfavorecido do departamento. Não se encon-

tra aí, por exemplo, nenhum filho de professor. Uma classe de adaptação acolhe crianças que acabaram de chegar da África, da Ásia ou da Europa, mas, em sua grande maioria, alunos pertencentes a famílias argelinas que já estão instaladas na França há muito tempo. A parcela de bolsistas se eleva a 75%, enquanto que não passa dos 30% no departamento. Nem o interesse de pertencer, desde 1982, a um “colégio experimental para a renovação”, nem o fato de contar com 36 professores para um efetivo de 400 alunos apenas – contra mais de 600 nos anos 80 –, nem mesmo a proximidade de Lyon são suficientes para fazer permanecer os professores, que estão sempre à espera de transferência. Um acompanhamento intensivo e, mais geralmente, um ambiente bom não impedem que os alunos dos bairros residenciais e de certos HLM evitem o colégio. Seus pais requisitam transferências para os outros estabelecimentos públicos.

Através do tom desencantado de sua conversa, o velho professor republicano de origem popular, que diz ter sempre estado preocupado com o desafio de saber “como fazer para salvar o máximo de alunos”, deixa entrever toda a tristeza que lhe inspira sua experiência: a aversão pela violência dos alunos, mas também por aquela exercida pela instituição escolar, rivaliza em seu interior com o mal-estar que ele sente de se ver assim obrigado a usar de violência contra a representação que ele tinha feito para si da escola e de sua profissão de educador. Ele não pode aceitar que a escola seja hoje em dia tratada como se fosse uma delegacia, e se resignar a imaginar-se como um simples agente da manutenção da ordem, obrigado a “usar a força”. Tendo entrado na Educação nacional aos 16 anos de idade, como normalista, tendo começado sua carreira de professor primário num subúrbio desfavorecido, e em seguida ensinado durante 13 anos nos bairros menos afortunados, tendo portanto feito de tudo para encarnar dignamente a missão da instituição escolar tal como ele a concebe – trazer para os bairros ditos “difíceis” “aquilo que é talvez a coisa mais útil, mais indispensável para as crianças que aí são prisioneiras, o respeito absoluto que lhes testemunham os professores e alguns instrumentos para ajudá-los a sair daí, a serem talvez autônomos um dia” –, ele tem muita dificuldade para perdoar a instituição por colocar seus servidores mais devotados em condições que lhes impedem de fato de cumprir verdadeiramente esta missão, isso quando elas não os condenam a renegar, pura e simplesmente, aquilo que ela lhes ensinou, as crenças e valores em função dos quais, 20 anos atrás, eles tinham escolhido esposar, como se diz, a “vocação” de professor.

Com um diretor de colégio de uma ZEP

– *Entrevista de Gabrielle Balazs e Abdelmalek Sayad*

“Sofremos muito este ano”

Ramus – Há períodos de grande tensão e depois períodos um pouco mais calmos. Assim sendo, este ano, na volta às aulas, tudo ia mais ou menos bem, quando houve essas manifestações. E nossos alunos, alguns deles, pelo menos, delas participaram ativamente; outros participaram através de sua família, de seus irmãos ou irmãs mais velhos. Houve dois tipos de reação muito diferentes por parte dos pais, mas os garotos viveram num clima de histeria durante 15 dias, três semanas, um mês. Histeria pró-manifestantes ou histeria antimanifestantes. O colégio funcionou normalmente todos os dias, não houve a menor interrupção. Alguns professores conversavam com os alunos, pois alguns professores no início de suas aulas descobriram que a tensão era tamanha que aquilo não estava servindo estritamente para nada, e que então era preciso falar a respeito, era preciso... mas aconteceu de, mesmo na primeira semana dos tumultos, alguns professores perguntarem a seus alunos: “você quer falar a respeito?” e os alunos: “não, pode dar aula”. Portanto, se concordam, foi tudo... foi tudo muito variado de uma classe para outra, talvez também da personalidade de um professor para a de outro.

– *Não houve mais ausências durante estes acontecimentos?*

Ramus – Não, não, não muitas. Os alunos vinham ao colégio e eu ficava muito contente porque este era praticamente o único

lugar no qual conseguiam escapar da histeria familiar. Não importava o lado que ela apoiava. Recebemos um monte de telefonemas...

– *Das famílias, dos pais?*

Ramus – Das famílias, que nos diziam: “afinal, o que é que está acontecendo, ouvimos boatos, que o colégio vai ser atacado, será que é perigoso?” Coisas assim; tivemos uns garotos, há uma família, o pai veio me encontrar para me dizer: “não é possível, vou para o campo”, ele partiu decididamente para uma semana em Drôme. Mas, enfim, esse tipo de coisa acabou sendo marginal. Houve pais que vieram me dizer: “escute, estamos retirando as crianças, não podemos deixá-las, não podemos correr o risco e tudo o mais”, eu disse: “escute, o perigo, olhe bem, o senhor viu, o senhor veio até aqui, não é uma catástrofe”, assim tivemos um ou dois abandonos nessa ocasião, ligados a essa ocasião, não mais do que isso.

– *Retiradas definitivas?*

Ramus – Sim, alunos que foram embora definitivamente.

A agitação não voltou a acontecer

Ramus – Isso, se querem saber, aconteceu no mês de outubro. Foi uma verdadeira efervescência; no mês de novembro, houve o grande movimento dos estudantes das escolas e tivemos algumas recaídas, o que acabou mantendo uma certa

forma de agitação. Mais ainda porque, se vocês forem passear pelo município, vocês verão que a agitação depois do mês de outubro não voltou a acontecer de maneira ampla e endêmica, só restam daí algumas coisas. Agressões a pedradas, os apedrejamentos, se tornaram um modo de expressão até mesmo para a faixa entre 10 e 14 anos, o que não é nada engraçado. Há duas linhas de ônibus que passam em frente ao colégio. Em fevereiro, a partir do momento em que começava a hora de entrar no colégio, os ônibus não passavam mais, pois houve... não sei bem, um prejuízo na ordem de 500 mil francos em função de estragos feitos nos ônibus, vidros quebrados, assentos rasgados; quando os ônibus param no ponto do colégio, os garotos entram, quebram tudo e depois vão embora. Desta forma houve uma interrupção de funcionamento das linhas em certos horários. Foi portanto um período de tensão. Depois, no mês de dezembro, houve a neve: pode parecer que a neve não seja nada, mas ela é um problema...

— *Uma ocasião para fazer bolas de neve.*

Ramus — Sim, bolas de neve, eu me lembro de ter brincado com bolas de neve, isso é muito divertido, e como não sou uma pessoa repressiva demais e como tenho lembranças de infância com a neve, não tomei medidas para a interdição das bolas de neve; enquanto tenho colegas, de outros colégios, que as tomaram. Mas tive que chamar os bombeiros e enviar alunos para o hospital. Não eram bolas de neve que eles atiravam, eram blocos de gelo. Os mais duros, os mais amassados possível, e por isso tive casos de ferimentos no couro cabeludo, coisas assim. E depois sobretudo agressões na saída contra pessoas do bairro.

— *Contra as pessoas do bairro?*

Ramus — Sim, quando passava uma pessoa de carro, os garotos jogavam 50 bolas de neve sobre o pára-brisa, e o motorista que parava e abria o vidro era acertado em cheio na cara; houve então feridos, coisas assim. Queixas apresentadas. E assim a imagem do colégio no bairro não melhorou em nada. Isso foi no mês de dezembro, nos meses de janeiro e fevereiro houve a Guerra do Golfo, aí então nem se fala. Neste momento tivemos... por exemplo, isso se traduziu nas aulas de EPS por exaltações do tipo “Saddam Hussein, Saddam Hussein” e também por pichações; em fevereiro, enfim nas férias aqui, era 21 de fevereiro, houve uma tensão muito, muito grande. No colégio foi muito, muito difícil. Houve professores que tiraram licença por doença; houve um momento em que eu tinha cinco professores em licença por doença dos quais apenas um substituído, portanto inútil dizer que os problemas aumentaram e a ausência dos professores — justificada, não existe aqui a menor palavra de crítica a respeito — aumentava ainda os problemas; deste modo estávamos muito, muito cansados, aqui.

As férias de fevereiro chegaram em boa hora. Na volta às aulas após as férias de fevereiro, tudo calmo; muito calmo, o Ramadã não deu oportunidade para a agitação. Mas por exemplo, o Ramadã aqui entre nós, o dia da Aid, a festa, dia 16 de abril último, havia 160 alunos presentes de um total de 410 ou 420, com classes nas quais havia 4 alunos de um total de 25. Então, vejam vocês, trata-se de um bairro muito caracterizado. Eu me lembro de brigas na minha infância, quando no pátio havia dois alunos que brigavam, bom, tudo bem, havia dois alunos lutando, e talvez três ou quatro que ficavam em volta, olhando; aqui se é extremamente feroz, não se pode tolerar o menor começo de briga e os alunos que tomam...

– *Por que estas coisas se seguem ou o quê?*

É um ambiente muito tenso e violento

Ramus – Sim, porque se há dois que se enfrentam, há 200 que ficam em volta, e assim os garotos que estão brigando não podem acertar suas contas senão de forma muito, muito violenta, pois eles são estimulados, excitados... e então, vocês vêem, não podemos mais controlá-los. Resultado, eu posso garantir a vocês, posso dizer estatisticamente que suprimi 99,5% das brigas no colégio, essas coisas agora só acontecem na rua, em frente ao colégio, e estou convencido de que para a imagem do colégio deste jeito seja bem melhor. Então vocês vêem, existem problemas... digamos que é um ambiente muito tenso e violento.

[...]

Agora nos falam de outra coisa, das drogas... Bem, o bairro aqui, o bairro Saint-Jacques, as pessoas dos HLM estão absolutamente polarizadas a respeito do problema das drogas: cada vez que eu falo nas reuniões a respeito do bairro, me falam das drogas. As drogas, as drogas, as drogas. Eu fui conhecer, participei de seminários, tenho informações a respeito das drogas; eu vi haxixe e heroína pela primeira vez na minha vida há pouco mais de um mês, quando participei de um seminário e alguns policiais me mostraram em sua pasta. (...) Eu tenho a impressão de que posso, em todas as reuniões, dizer que, antes de mais nada, eu jamais tomei conhecimento da existência de drogas pesadas no colégio. Quando cheguei, eu estava de tal forma atordoado por tudo aquilo que se falava que acabei pedindo, acabei me voltando para a Reitoria, que nomeou, que me emprestou alguns médicos delegados que tinham sido contratados pelo governo precisamente para a

missão de fazer pesquisas a respeito das drogas, e outras coisas assim.

E assim, durante dois trimestres, um trimestre de um ano escolar e um trimestre do ano escolar seguinte, dois médicos diferentes passaram, cada um, um trimestre inteiro no colégio. Eles puderam examinar todos os alunos, examinaram sistematicamente todos os alunos de um nível, o nível da terceira. E depois examinaram todos os alunos dos quais havia um mínimo de suspeita... vocês sabem, fico chateado quando vou a uma reunião e as pessoas que sabem tudo e que dizem: “basta observar os garotos que estão um pouco derrubados ou um pouco entorpecidos de manhã”, eu tenho por volta de 80% dos meus que estão meio entorpecidos de manhã, já que eles assistiram televisão até as duas horas da madrugada. Os médicos que fizeram as observações no colégio em 88 e em 89, nos seus dois relatórios, não há nenhuma suspeita de uso de droga. Eles encontraram problemas de subnutrição, coisas assim, mas nenhuma suspeita de uso de drogas, de drogas pesadas, creio eu. Drogas como o haxixe, coisas assim, eu digo que, como suprimi 99% das brigas dentro do colégio, também suprimi 99% das tentativas de se fumar no colégio; fiz instalar cercas com grade pois não podíamos vigiar os alunos por toda a parte. Por isso fiz instalar, vocês podem ver, a grade que delimita o pátio lá embaixo, ela impede os garotos de ir fumar lá, atrás dos prédios; pois no primeiro ano em que estive aqui, era preciso o tempo todo ficar circulando por ali...

[...]

– *De repente os alunos passaram a ficar apenas na parte visível.*

Ramus – Exatamente, é isso. Como não se pode fumar nos prédios, o único lugar onde ainda se fuma eventualmente, e

mesmo assim muito pouco, são os banheiros; é o lugar clássico da tradição de se fumar, são os banheiros, mas mesmo assim de modo muito, muito limitado. Dito isso, há alunos que chegam ao colégio de manhã, ostensivamente e quando estão a 45 centímetros de mim, nem um centímetro a mais ou a menos, para me mostrar que eles realmente fumam, amassam a ponta de seu cigarro, bem, para saber se não há nada além de tabaco na ponta do cigarro, não tenho nenhum meio de verificar; muito bem, isso é tudo, tudo o que posso dizer a respeito das drogas. Mas das brigas, ah, destas eu tenho medo, tenho realmente medo. Houve uma briga que não conseguimos interromper em menos de trinta segundos, e terminou em um mês de hospital para um garoto que levou uma facada na barriga. Isso foi há dois anos. Depois disso, bem, eu fiquei um pouco mais...

— ... cuidadoso? O senhor descreveu um pouco o clima, as dificuldades, a agressividade ou a violência, mas houve alguma diferença após os acontecimentos? Após isso que o senhor descreveu mês a mês, há muitas coisas que se...

[...]

Ramus — Eu creio que os acontecimentos, sim, tanto é assim que eu digo a vocês, os rapazes que participaram dos tumultos, tudo aquilo, hoje em dia não são mais eles em especial que espalham a discórdia, são os de 10-16 anos que fazem as agressões, que tornam penosa a vida no bairro. Durante os acontecimentos, a caminhonete do colégio foi roubada e queimada; não sei se vocês assistiram às emissões de televisão... Não sei se vocês se lembram, uma caminhonete 2CV que fez muitas idas e vindas entre os CRS e os manifestantes, era...

— Era a do colégio?

Ramus — Era a ex-caminhonete do colégio. Depois disso não houve outros excessos, não sei bem, eu apresentei queixas duas vezes este ano, uma vez por causa da caminhonete do colégio e outra vez por causa de um roubo por arrombamento no escritório do administrador. Mas isso foi quase que...

Toleramos coisas que são intoleráveis em outros lugares

— É possível haver alunos novatos relativamente mais velhos?

Ramus — Ah, sim. Na sexta, pelo expediente da classe de adaptação na qual tentamos fazer a transferência o mais rapidamente possível para uma classe normal, dos alunos que vêm de uma classe de adaptação, na sexta encontramos alunos de 11 a 15, 16 anos. Devo ter um ou dois na sexta que têm 16 anos.

— E o senhor os tolera porque de hábito eles são enviados para as SEE... [seções de educação especializada]

Ramus — Com certeza. Com certeza. Mas toleramos coisas que são intoleráveis em outros lugares, com certeza. (...) Houve um período atribulado e depois as pessoas ficaram cansadas e também ficamos um pouco amargurados, um pouco decepcionados porque sofremos muito este ano e ficamos muito cansados. Uma confiança pessoal, eu tenho a sorte de contar com uma saúde de ferro e pensava que coisas parecidas, minha cara senhora, que a mim jamais aconteceria de ir procurar um médico para lhe dizer: “eu não agüento mais; eu não agüento mais”, e tomar soníferos, nunca teria pensado que isso poderia acontecer comigo. Eu tinha decretado que isso não me aconteceria jamais. Pois bem, tive de tomá-los em fevereiro para agüentar os 15 últimos dias antes das férias de fevereiro. E isso me afetou muito. Precisamente porque eu era

muito orgulhoso e achava que coisas assim só podiam acontecer com os outros, mas certamente não comigo. (...) E assim – não sou o único a estar neste caso – a estar às vezes um pouco perdido e a estar muito cansado.. (...) Espero poder recuperar o sono durante as férias de Páscoa. Mas eu não me queixo, estou apenas contando para vocês...

Houve alguns acontecimentos que marcaram os estabelecimentos, um recrudescimento da agressividade contra os professores. Eu tenho um colega do colégio que viu, logo após os acontecimentos de novembro, uma tentativa de incêndio muito grave do colégio. Quinze dias atrás seu automóvel foi incendiado, uma semana atrás ele teve de levar para o hospital uma inspetora que cuidava da entrada de manhã porque tinha levado uma pedrada na cabeça. No colégio B. e no colégio de N., existe também esta espécie de violência latente com agressões, tudo isso.

Durante a festa do *Aid*, houve três alunos do colégio que foram jogar pedras no colégio de N., na vigia e em seu cão. Ora, acontece que as pessoas estão fartas disso agora, e não ficam mais obrigatoriamente caladas, e assim a vigia foi dar queixa e os policiais também estão fartos, registraram a queixa e foram adiante, e os alunos foram convocados à delegacia de polícia. Foram convocados também por um magistrado e parece que os educadores do bairro disseram aos pais: “não deixem fazer” e tive duas mães de família que vieram reclamar comigo porque seu garoto... Concordam comigo, isso é muito engraçado, os alunos frequentam o colégio, eles estão no exterior do colégio durante um dia de festa religiosa no qual sua ausência é aceita; aprontam a maior confusão num colégio vizinho, as pessoas do colégio vizinho dão queixa e eles vêm reclamar comigo.

[...]

Ora bem, os professores depois do incêndio do automóvel do diretor do colégio V.,

os professores dos quatro colégios do setor, e mais os da escola profissionalizante, fizeram uma reunião terça-feira passada em seguida a uma certa efervescência, nós éramos três diretores a participar. E palavra de honra, ela terminou com uma carta que foi enviada pelos professores de todos estes estabelecimentos ao inspetor da academia, ao reitor, dizendo: “gostaríamos muito que afinal se levassem em conta nossas difíceis condições de trabalho e de vida”, porque efetivamente suportamos muito mais coisas do que se suportam em outros lugares, suportamos muito mais coisas da parte dos alunos.

E fui levado a dizer que, por exemplo, um meio de nos ajudar seria que, em um estabelecimento tido como normal, quando um aluno faz uma besteira, ele é expulso, mas nós, quando ele faz a mesma besteira, não o expulsamos. Damos a ele uma primeira ou uma quinquagésima advertência. E quando somos levados a querer transferir um aluno, quando telefono para meus colegas e digo a eles: “escute, vou te mandar um aluno, ele está sob obrigação escolar, eu sou obrigado, se mandá-lo embora do colégio, a arrumar algum lugar para ele” e eles me dizem: “escute, você é muito gentil, teríamos o maior prazer em te prestar um serviço, mas se um aluno de seu colégio vier para cá, os professores não vão aceitá-lo, eles vão entrar em greve, e tudo o mais”; e o resultado é que somos obrigados a trocar alunos uns com os outros mas eles não saem nunca desta zona, e por isso talvez uma solução fosse pedir para o Inspetor acadêmico nos ajudar. Quando for realmente preciso, quando formos realmente levados a nos livrar de um aluno tanto no interesse do aluno em questão quanto no interesse dos outros, ele talvez pudesse nos ajudar a encontrar um lugar para ele, para que não precisássemos ficar mendigando... que

fosse assim... que o inspetor da academia a título decisivo diga: “tal aluno será colocado em tal estabelecimento, e ponto final.”

[...]

— *Aquilo que o senhor contou, é coisa recente a inspetora que...*

A escola não foi particularmente poupada

Ramus — Foi na semana passada. E em seguida... não sei se sabem, acontece que o reitor de Lyon, o novo reitor de Lyon foi nomeado faz um mês. O reitor tinha acabado de chegar, ele devia visitar um dos colégios desta zona, em função de uma ação pedagógica, uma ação da imprensa na escola; ele devia vir na sexta-feira e foi na quinta-feira à noite que a caminhonete de meu colégio foi incendiada. Por isso pedimos ao reitor, bem educadamente, se não podia vir nos ver por ocasião de sua vinda, e assim ele nos recebeu e lhe dissemos que as coisas não iam bem, que na verdade as coisas não iam nada bem neste setor, sem querermos ser pessimistas, mas que tinham acontecido muitas coisas. E nós o questionamos, e ele disse: “bem, há duas explicações possíveis, ou isso faz parte do movimento sociológico e neste caso trata-se de uma situação geral e talvez fossem necessárias soluções gerais, ou então trata-se de uma tentativa de desestabilização da Educação nacional; a Educação nacional será o alvo de...” então ele disse: “eu acabo de chegar”, vocês sabem, isto nos leva a concluir... pois aí eu sou muito esquemático, que há observadores da Educação nacional que constatarem ou que acharam por bem constatar que, durante os acontecimentos, os centros escolares, culturais não foram atingidos pelos acontecimentos, quer dizer, que os incêndios, que os excessos se voltavam apenas contra os centros comerciais, mas os estabelecimentos culturais e escolares

não tinham sido tocados, bem, e a partir daí eles teorizaram muito. Mas não me convenceram muito não...

[...]

No próprio dia dos acontecimentos, a escola primária que fica bem na frente do colégio, ali atrás, é uma escola que (fizemos inovações, mas ao lado deles, não passa de uma piada; ou seja, os rapazes têm professores formados em informática, têm um centro de informática, têm sei lá quantas centenas de milhares de francos em material de informática lá dentro, é realmente uma escola de ponta e tudo o mais) bem, há uma classe que foi inteiramente incendiada durante os tumultos e os computadores serviam de projéteis para quebrar os vidros. Assim, não acredito que possamos dizer que ela tenha sido particularmente poupada. E não estou dizendo que esta escola tenha sido especialmente visada...

Nos dias que se seguiram, houve uma escola maternal que foi queimada, e foi preciso fechá-la por 15 dias, no entanto isso não é nada. E não estou nem falando da caminhonete do colégio, não estou nem falando do início de novembro, de uma sala de aula e meia incendiadas em P. e que se o alarme não tivesse disparado, eles encontraram 20 litros de gasolina nuns recipientes que ainda não tinham sido esvaziados quando eles chegaram; ora, tinham sido esvaziados apenas 5 ou 6 litros. Se apenas isso queimou uma sala de aula, se os 20 litros tivessem sido utilizados, teríamos tido um incêndio e tanto. É assim, e eu não acredito que...

Mas vejam só, o reitor que chegou, que leu um relatório, a Educação nacional foi poupada durante os acontecimentos, e foi-lhe apresentada uma situação em que não aparecia que não se tinha poupado muito, e sua reação foi dizer: “olhem, haveria... durante os acontecimentos a Educação nacional resistiu bem, talvez haja

fosse assim... que o inspetor da academia a título decisivo diga: “tal aluno será colocado em tal estabelecimento, e ponto final.”

[...]

— *Aquilo que o senhor contou, é coisa recente a inspetora que...*

A escola não foi particularmente poupada

Ramus — Foi na semana passada. E em seguida... não sei se sabem, acontece que o reitor de Lyon, o novo reitor de Lyon foi nomeado faz um mês. O reitor tinha acabado de chegar, ele devia visitar um dos colégios desta zona, em função de uma ação pedagógica, uma ação da imprensa na escola; ele devia vir na sexta-feira e foi na quinta-feira à noite que a caminhonete de meu colégio foi incendiada. Por isso pedimos ao reitor, bem educadamente, se não podia vir nos ver por ocasião de sua vinda, e assim ele nos recebeu e lhe dissemos que as coisas não iam bem, que na verdade as coisas não iam nada bem neste setor, sem querermos ser pessimistas, mas que tinham acontecido muitas coisas. E nós o questionamos, e ele disse: “bem, há duas explicações possíveis, ou isso faz parte do movimento sociológico e neste caso trata-se de uma situação geral e talvez fossem necessárias soluções gerais, ou então trata-se de uma tentativa de desestabilização da Educação nacional; a Educação nacional será o alvo de...” então ele disse: “eu acabo de chegar”, vocês sabem, isto nos leva a concluir... pois aí eu sou muito esquemático, que há observadores da Educação nacional que constataram ou que acharam por bem constatar que, durante os acontecimentos, os centros escolares, culturais não foram atingidos pelos acontecimentos, quer dizer, que os incêndios, que os excessos se voltavam apenas contra os centros comerciais, mas os estabelecimentos culturais e escolares

não tinham sido tocados, bem, e a partir daí eles teorizaram muito. Mas não me convenceram muito não...

[...]

No próprio dia dos acontecimentos, a escola primária que fica bem na frente do colégio, ali atrás, é uma escola que (fizemos inovações, mas ao lado deles, não passa de uma piada; ou seja, os rapazes têm professores formados em informática, têm um centro de informática, têm sei lá quantas centenas de milhares de francos em material de informática lá dentro, é realmente uma escola de ponta e tudo o mais) bem, há uma classe que foi inteiramente incendiada durante os tumultos e os computadores serviam de projéteis para quebrar os vidros. Assim, não acredito que possamos dizer que ela tenha sido particularmente poupada. E não estou dizendo que esta escola tenha sido especialmente visada...

Nos dias que se seguiram, houve uma escola maternal que foi queimada, e foi preciso fechá-la por 15 dias, no entanto isso não é nada. E não estou nem falando da caminhonete do colégio, não estou nem falando do início de novembro, de uma sala de aula e meia incendiadas em P. e que se o alarme não tivesse disparado, eles encontraram 20 litros de gasolina nuns recipientes que ainda não tinham sido esvaziados quando eles chegaram; ora, tinham sido esvaziados apenas 5 ou 6 litros. Se apenas isso queimou uma sala de aula, se os 20 litros tivessem sido utilizados, teríamos tido um incêndio e tanto. É assim, e eu não acredito que...

Mas vejam só, o reitor que chegou, que leu um relatório, a Educação nacional foi poupada durante os acontecimentos, e foi-lhe apresentada uma situação em que não aparecia que não se tinha poupado muito, e sua reação foi dizer: “olhem, haveria... durante os acontecimentos a Educação nacional resistiu bem, talvez haja

hoje uma tentativa de desestabilização de uma instituição que vem resistido bem, como nos disseram, há alguns anos, houve uma tentativa de desestabilização da polícia e outra”. E assim o reitor solicitou uma entrevista com o chefe de polícia e os dirigentes da polícia nos receberam faz uma semana, e deste modo os cinco diretores e mais o diretor do LEP foram à Direção do departamento das polícias urbanas, uma semana atrás para tentar descobrir com os policiais o que é que se pode fazer, o que não é engraçado...

Não posso tolerar uma pichação

– Contrariamente ao que acontece em outras regiões, as pessoas aqui não parecem cruzar os braços, isso me chamou a atenção, pois normalmente em casos como este, as pessoas, o corpo docente, os diretores... enfim, todos os tipos de pessoal ficam eventualmente muito deprimidos, e então, isso é tudo. Desencorajados e também... aqui, tenho a impressão de que... há muitas iniciativas...

Ramus – É preciso sobreviver... sim, certamente é preciso sobreviver, não podemos... Eu posso levá-los visitar o colégio, por exemplo, eu não posso suportar uma pichação; isso significa que os funcionários – vamos dar uma volta pelo colégio para poder mostrar a vocês – se há uma pichação, isso é um assunto prioritário: se você vir uma pichação, remova-a imediatamente, porque, se você deixá-la lá por uma hora, uma hora depois haverá dez, duas horas depois haverá 150, é isso. Eu ignoro totalmente a legislação a respeito do tempo de serviço dos funcionários; eu negocio diretamente com os funcionários. “Vocês têm de trabalhar 41 horas e meia, e para mim não importa se vocês ficam 41 horas e meia sem fazer nada na escola; vocês me ajudam a supervisionar os corredores, quando os alunos circulam. Resultado, se vocês estiverem lá, eles farão

menos besteiras. E se eles fizerem menos besteiras, vocês terão menos trabalho. E em contrapartida ao trabalho que estou pedindo, que é um trabalho de supervisão que não faz parte de suas atribuições, se vocês me ajudarem a fazê-lo, então eu lhes darei alguns dias suplementares de férias, eu dou para vocês e vocês podem ir...”

– É uma espécie de acordo, não é...

Ramus – É isso, bem, se então efetivamente vier um inspetor da administração e ele perguntar “como? neste horário você deveria ter tantas pessoas aqui”, eles não encontrarão, mas o colégio está arrumado, com certeza. (...) Eu vou levá-los a dar uma volta pelo colégio. Prestem atenção, está no plano físico a condição número um para a sobrevivência, se esta estiver deteriorada, está tudo acabado.

– Para trazer as coisas para sua justa proporção: antes, tomava-se uma faca e se marcavam as iniciais sobre as mesas; hoje em dia, há outros procedimentos, usamos spray para escrever nas paredes; este trabalho de disciplina é necessário, certamente, é verdade, mas, afinal, nos lugares públicos, e é verdade que são lugares públicos, não se consegue nunca eliminar este tipo de práticas.

Ramus – Nos lugares públicos; mas não no nosso colégio. Não, quanto a isso sou muito formal, pois trata-se de um assunto onde não posso transigir.

– Igualmente sem atribuir significações...

Ramus – Não, não digo que isso signifique delinquência, mas digo que se aceitar esse início de depredação, depois...

– Eu tive a oportunidade de fazer uma pesquisa em Marseille para a prefeitura que desejava limpar os bairros. Eu disse a eles, se vocês fizerem um esforço

para ostentar a limpeza, se em lugar de limpar as ruas apenas uma vez por dia, como as outras, se limpar duas vezes ao dia, a população acabará se comportando apropriadamente.

Ramus – Exatamente, é isso mesmo que eu penso, e é por isso que há momentos em que tenho vontade de rir quando vejo pessoas que vêm, autoridades que vêm até aqui e depois dizem a seus colegas: “mas não está nada mal, está bem limpo; de que é que vocês estão se queixando?”, eu não me queixo, eu luto para que esteja sempre limpo. Dito isso, eu tenho... não sei, talvez por atavismo familiar, um respeito muito grande pelo pessoal do serviço. Por isso, talvez, eles sigam minhas ordens. Dou muito valor ao fato de que nenhum funcionário seja insultado por um aluno ou outra coisa assim, eu me sinto capaz de ficar muito mais furioso se for este o caso do que se for algo contra um professor. E posso lhes garantir que em quatro anos só tive dois insultos contra pessoas do serviço, mas os garotos, garanto que eles não esqueceram. Enquanto que, bem, contra os professores talvez isso seja um pouco mais freqüente. Mas talvez a causa disso seja o fato de que minha mãe se aposentou como lavadora de louças num restaurante, não é, talvez seja por isso também. Talvez seja ela que estou respeitando quando respeito um agente de limpeza.

– *O senhor tem quantos homens e mulheres no seu pessoal?*

Ramus – Ah! muito mais mulheres do que homens, isto é característico do ensino, mas, quanto a isso, eu sou cuidadoso pois, vocês entendem, quando tento negociar com a Reitoria, digo que num meio norte-africano, uma jovem mulher tem estatisticamente mais dificuldades... (...) Eis aí, este não é um julgamento que eu faça contra as mulheres e tudo o mais, é

uma constatação estatística. Quando eles fazem um esforço para me nomearem rapazes, isso não está sempre evidente; no ano passado eles nomearam um inspetor para cá que era... que era bastante gentil, e tal. Mas ele só resistiu por um mês. Era um rapaz, em seguida me nomearam uma moça, que ficou até o fim do ano, assim vocês podem ver que não é... Por isso é preciso também ser cuidadoso.

Neste ano me nomearam um inspetor norte-africano, um rapaz norte-africano, estudante de matemática, futuro professor de matemática. Ele passou pelo CAPES. Eu não o conhecia. Quando vi sua ficha de nomeação no mês de agosto, minha primeira reação foi dizer: “veja só, talvez eles tenham pensado na Reitoria que isso era bom, que tudo ia correr bem”, e esperei com interesse, pois era a primeira vez que teria um inspetor norte-africano. Muito bem, o pobre sofreu muito, entretanto não por falta de autoridade, mas creio que por causa da imagem do norte-africano que escapa, que é o colaborador e ele foi insultado realmente muito mais do que os outros; eu tive de intervir muito mais do que antes; estamos aprendendo todos os dias.

O que dizíamos, nós chefes de estabelecimentos, ao inspetor da academia, ao reitor e à polícia, é que tudo é muito penoso nesses estabelecimentos, que é tudo imprevisível. É justamente no momento em que não estamos esperando que aconteçam as catástrofes e então temos sempre a impressão de estarmos andando sobre o fio da navalha, que basta um pequeno incidente para tudo degringolar e depois também para... É isso, é preciso ser verdadeiramente (...) meu problema atualmente, se eu me canso é porque... Bem, mas isso é do domínio da minha vida privada, eu bem que gostaria de ser o diretor deste colégio 12 horas por dia e depois nas outras

12 horas ser... é isso, eu mesmo, não consigo mais manter este equilíbrio.

É duro ser humilhado, quando não se está preparado

— E como são suas relações com os pais? O senhor mencionou várias vezes que houve famílias que se dirigiram ao senhor durante o período especial, mas em épocas normais se posso chamar assim, é...*

Ramus — Para nós o problema é ter o maior número de contatos possível com as famílias, porque constatamos...

— O senhor as solicita?

Ramus — Isso mesmo. Assim as obrigamos a vir ao colégio. E obrigar a vir ao colégio pessoas que não têm o hábito e que... Assim antes de eu chegar, as coisas já tinham sido arrumadas. Nós não enviamos nenhum boletim trimestral para as famílias, não lhes enviamos nada. As famílias vêm procurar os boletins no colégio. Deste modo nos organizamos, e chegamos a uma taxa de 90%. E três meses por ano — bom por volta de 90% no primeiro e no segundo trimestres, e no terceiro, um pouco menos, chegamos a 65%, 70%, mas no primeiro e no segundo trimestres 90% das famílias vêm ao colégio procurar o boletim, quer dizer, o professor principal da classe, que é o professor tutor, que mantém os alunos sob sua tutela... É ele que as recebe. Portanto, três noites a cada ano, começando às quatro horas para alguns, às cinco para outros, até as oito e meia, nove horas, até o esgotamento e depois, aí, recebemos 70%, e os outros os aborrecemos até que eles venham, quer dizer os forçamos a realizar um encontro, e tudo o mais. Então o número de rebeldes é irrisório. E apesar de tudo, isso não é suficiente.

Eu participei muito ativamente para a constituição de um conselho de pais de alunos porque em outras escolas, numa escola normal, os pais de alunos, para os diretores de estabelecimentos, são um aborrecimento. Aqui, eu tenho necessidade deles. Se os garotos têm problemas, é porque os pais são completamente desunidos e constato que quando os pais, mesmo na miséria, têm contato com os filhos, os garotos fazem menos besteiras, trabalham melhor, portanto eu tento, estamos a ponto de lançar, queremos montar uma ação de sensibilização dos pais de alunos, no ano que vem para os pais dos alunos que vão passar para a sexta, convidá-los para jornadas no colégio quando eles encontrarão os professores, comerão com eles, farão refeições com eles... É preciso que eles venham ao colégio sem ter medo, sem... para a grande maioria dos pais, o colégio, a escola, para aqueles que a frequentaram, representam o fracasso escolar, e além disso ainda tem mais, especialmente para as mulheres norte-africanas da geração de mulheres de 40, 45 anos, que nunca foram à escola. Nunca. Portanto elas são analfabetas, não sabem ler nem escrever e a muito custo falar o francês, mas falam o árabe, embora não saibam nem ler nem escrever também, as coisas são assim. É preciso que a escola não seja o lugar... eu estou realmente farto de ver as pessoas...

— Elas vêm?

Ramus — Não, muito pouco, para isso muito pouco, elas vêm procurar os boletins, e eu estou farto e elas vêm quando as convoco para dizer: “seu filho não vai bem” ou “sua filha não vai bem” mas eu adoraria vê-las, adoraria que elas viessem, que elas passassem dizendo: “como vão as coisas?” sem saber e que eu um dia talvez pudesse dizer: “sim, as coisas vão muito bem”... adoraria. Porque... vou contar uma anedota. Há uma professora

de ginástica que tem um relacionamento difícil com alguns alunos da sua classe. Ela já está aqui há 12 anos, ela está cansada... Além disso os alunos consideram a ginástica como um extravasamento; ao passo que ela considera que a ginástica é uma aula como outra qualquer e tem um nível de exigência que é muito elevado. Ela um dia levou os alunos para a piscina, e quando saiu da piscina, os vidros de seu carro tinham sido quebrados. Ela acredita, eu também, que foram os alunos da classe que quebraram os vidros do carro; mas não se pode provar. Então ela veio muito brava e me disse um certo número de coisas, que havia seis alunos na classe que a incomodavam profundamente e veio me pedir algumas sanções. Eu disse: "antes de fazer cumprir a sanção de exclusão temporária, vamos convocar as famílias".

Eu convoquei as famílias um dia, e ela estava lá comigo, junto com meu assistente, com seis famílias diante de nós. Eu peguei duas entre as seis. Havia um pai de família que tive de expulsar fisicamente de meu gabinete pois ele a insultou, chamou-a de mentirosa, de vadia, e tudo o mais, e então fui obrigado, junto com meu assistente, a levá-lo para fora... pois eu pedia para que ele sáísse e ele não queria, portanto tivemos de expulsá-lo do gabinete. E sua filha que vinha atrás, se fartava de rir, toda contente. Seu pai dizia exatamente o que ela dizia à professora, o que estava bem de acordo, não é... então, que querem que façamos com garotos como esses.

No outro extremo, completamente, um pai estava lá, estava sentado ali, seu filho atrás dele, e falava abaixando a cabeça, não sei se falava para mim ou para seu filho, e dizia: "já faz 28 anos que estou na França, e 27 anos e meio que estou na mesma empresa, pois eu acredito que o chefe tem sempre razão; quando ele fala, mesmo quando não estamos de acordo,

dizemos sim, somos humildes, aceitamos tudo, não protestamos, as coisas são assim. E graças a esta atitude pude trazer minha mulher para a França, pude criar meus filhos." Eu pensei que o filho que estava de pé atrás de seu pai fosse dar uns tapas em seu pai; jamais vi tamanho ódio, pois aquilo que o pai dizia era inadmissível.

– *E qual era a idade dele?*

Ramus – 16 anos. E os dois casos extremos de humildade total perante a instituição e a agressividade total, no final das contas, para os garotos acabam tendo exatamente o mesmo resultado. Eu vou dar outro exemplo do tipo de situações que temos de enfrentar. Houve, no ano passado, uma greve de ônibus, e havia muitos jovens que estavam no bairro onde não havia mais ônibus, e por isso criaram o hábito de, à tarde especialmente, vagar por aí, e então pulavam por cima do portão, com pelo menos um metro e sessenta, e em seguida vinham, subiam para as classes, abriam a porta das salas de aula, cuspiam nos alunos e nos professores, os insultavam e a partir do momento que me avisavam, que eu partia à sua procura, eles desapareciam correndo. Um dia houve três que entraram e alguém os viu no momento em que entravam. Eu estava prevenido, e armei um plano de captura e consegui pegar um deles. Ele tinha 19 anos.

– *Um antigo aluno?*

Ramus – Não, o que eu peguei não era um antigo aluno. Eu tive de lutar pois ele pretendia me fazer soltá-lo. Eu o tinha agarrado e ele me disse: "que é que você quer fazer?", eu disse: "vou te levar para o meu gabinete", ele me disse: "não", e eu disse: "sim", eu disse: "pode ser que eu não chegue se eu ficar aqui no chão, mas se você não me matar, se você não me ferir, eu vou te levar para o meu gabinete",

e eu o levei para meu gabinete. No meu gabinete, ele me disse: “você quer que eu diga o que você vai fazer? Você vai chamar os tiras. Os tiras vão vir, eles vão me espancar, vão me levar para a delegacia, vão me espancar, vão chamar meu pai. Meu pai virá, ele vai chorar e os tiras vão me entregar a meu pai e ele vai me trazer de volta. Isso vai durar uma hora e meia. Em duas horas estaremos de volta, e não vai sobrar nada deste colégio. Faça como quiser.”

Enquanto ele estava no meu gabinete e me dizia isso, eles tinham entrado em três. Os dois outros foram embora, e foram juntar outros 50. E os 50 estavam formando um semicírculo no pátio. Meu assistente foi procurar todos os homens entre os professores. Naquele dia, ele tinha conseguido reunir seis ou sete que fizeram um semicírculo em frente ao meu gabinete. As coisas estavam assim. Neste momento, lá em cima, palavras. Eu vou até o meio do pátio e há dois representantes que entram: “Que é que você vai fazer, você não vai chamar os tiras por tão pouco, não é, por causa de um sujeitinho que nem esse. Qual foi o problema, ele apenas cuspiu, isso não é nada grave, e além disso você não vai nos aborrecer, porque se você nos aborrecer, você vai libertar nosso colega, porque se você nos aborrecer isso tudo vai acabar mal.” Os professores estavam divididos, uma metade dizia: “chame os tiras, não podemos deixar isso passar em brancas nuvens”, e a outra metade que dizia: “eu estou avisando, se chamar os tiras não vamos mais poder vir trabalhar de carro”. Pois então... é duro ser humilhado quando não se está preparado, quando não se está preparado psicologicamente para ser humilhado, quando se é orgulhoso e se tem um certo senso de honra, é duro.

Eu me recuso a expor os inspetores aos insultos no portão, por isso cuido eu mes-

mo, junto com meu assistente, todas as manhãs e todas as tardes, da entrada dos alunos; e eu não sou um bom fisionomista, mas há o zelador, o responsável pela manutenção que é argelino e que é muito bom fisionomista e que me disse: “ali há três que não são do colégio”, e assim, quando chegaram ao portão, eu perguntei: “os senhores não são do colégio, mas têm alguma coisa para fazer aqui? Se têm alguma coisa para fazer, me digam o que vieram fazer, senão não entrarão aqui. Não, os senhores não entrarão”. Então eles recuaram uns três metros, colocaram-se na beira da grade e começaram a falar entre si de maneira que eu pudesse ouvir, que sou um imbecil, “olha só a cara dele” e tudo, e sempre ao falar eles se voltam e cospem. Cospem na minha direção. Quando você vê, em dez minutos, sete ou oito cusparadas que chegam a 15 centímetros dos seus pés e quando você tem orgulho, tem senso de honra e tudo o mais, ah, isso é duro. É muito duro. Bem, e depois, é assim. Há dias em que eu gostaria muito de estar em outro lugar (...).

Dialogou-se até à náusea

Ramus – Eles têm rancor mortal contra escola, pois a escola não permitiu que se saíssem bem; enfim, isto não me espanta tanto assim. E além disso, a escola é um meio de coação. Durante os acontecimentos, eu vivi... era grotesco. Havia na última volta às aulas, em setembro de 90, nas escolas profissionalizantes do departamento do Rhône, 700 lugares vagos, não ocupados, não havia candidatos. Havia 700 vagas todos os dias, durante todo o mês de setembro e início do mês de outubro, podíamos ver no *minitel*, nas mensagens do *minitel*, que diziam: “tal estabelecimento tem tantas vagas; tal estabelecimento tem tantas vagas e tal estabelecimento tem tantas vagas.”

Quando houve os acontecimentos, a grande interpretação era, sim, construímos, repintamos as fachadas, tudo isso, não dialogamos com eles, porque não dialogamos com eles, revoltaram-se, então dialoguemos; então fomos dialogar realmente até não agüentar mais nas reuniões de bairro, coisas assim e ouvíamos nas reuniões de bairro alguns jovens que diziam: “sim, a escola não fez nada por nós, não temos nada, não temos formação”, ao mesmo tempo havia 700 lugares vagos nas escolas profissionalizantes, apenas os lugares vagos nas escolas profissionalizantes, sabe o que é isso? São 32 horas de trabalho por semana, remuneração zero. Bem, eles também não estão de acordo para ir para lá; afinal, os jovens pobres dos subúrbios querem o quê? Eles querem ter alguma coisa de que viver. Bem, eventualmente eles pedem por um trabalho interessante mas o país não é capaz de oferecer um trabalho interessante na medida em que eles não têm formação e além disso, eu mesmo, eu tenho formação, e não é todo dia que meu trabalho é interessante, então... Eu não vejo, enfim, não há nenhum milagre, não é! Pois então, eles têm rancor, eles querem mal à instituição, ele estão ao ponto de quebrar tudo aquilo que é imagem, que lhes traz de volta a imagem de um certo fracasso, mas eu não tenho muitas soluções para oferecer.

– *Sim, mas, eles têm irmãos e irmãs que ainda vão à escola...?*

Ramus – Sim. Quando eles ouvem os irmãos mais velhos lhes dizerem: “é preciso trabalhar duro porque agora eu estou na segunda, na primeira, na terminal e depois eu saio”... Eu tenho aqui a sobrinha de um universitário que é autor [*de um romance autobiográfico sobre sua escolaridade de filho de imigrante num bairro popular*], e seu tio lhe disse: “não diga besteiras” e ela não diz besteira. Ela faz o que pode, ela fará talvez estudos menos

brilhantes do que aqueles de seu tio, mas acredito que ela vai se sair bem, ela está na segunda, bem, depois, palavra de honra... Há algumas famílias, os irmãos mais velhos, temos a impressão de que eles se revezam para que sempre haja um deles de fora enquanto que os outros estão presos, para que não estejam presos todos ao mesmo tempo. Há uma família, na qual os três irmãos mais velhos estão presos por proxenetismo com agravante, e é a mãe que vai tocando o botequim que eles tinham, pois é a única fonte de recursos da família; ela sai às seis horas da manhã e volta à meia-noite ou uma da manhã e os garotos, tenho um na quarta e outro na quinta, ficam entregues a eles mesmos, fazem o que querem. São uns bagunceiros consumados, há momentos em que tenho vontade de... tenho vontade de bater neles, mas realmente não vejo como eles poderiam ser calmos, dóceis, pacientes, educados, gentis em circunstâncias como essas. Seria verdadeiramente um milagre se eles fossem assim.

Eu dou outro exemplo. Esta é uma coisa, certamente há coisas que eu não compreendo e que me escapam. No ano passado, às oito e quinze, escuto alguém arranhar a porta de meu gabinete mas ninguém se mexia, eu vou ver e encontro uma mãe norte-africana completamente coberta com um turbante que se aproxima e que me diz num francês bem ruim: “minha filha que está na terceira veio hoje de manhã, eu não queria que ela viesse, mas seu pai bateu de novo nela durante toda a noite, o senhor viu a cabeça que ela tem?” Eu não tinha visto, não tinha visto porque a menina tinha se escondido bem. “Ele prende a cabeça dela contra a pia e então bate sua cabeça contra os cantos da mesa, ou contra os cantos da pia.” Então ela me contava estas coisas...

Eu vou até a sala de aula ver a menina, eu olho para ela e, efetivamente, ela estava

toda retorcida, cheia de... Eu a trago para baixo, fecho a mãe e a filha numa sala, chamo a assistente social porque essas são coisas que se resolvem entre mulheres. A assistente social me diz: “É absolutamente necessário conseguir um laudo médico sobre a mãe e sobre a filha.” O médico escolar é algo que não existe, não existia nem mesmo no ano passado, afinal eu reclamei tanto que consegui um que fazia plantão de meio dia a cada 15 dias. No ano passado, nem isso havia. Eu chamo um médico assistente, que veio, examinou-as, que fez os atestados médicos e que veio me ver e disse: “são 160 francos”. Eu não tenho nenhuma previsão no orçamento para pagar 160 francos; paguei os 160 francos do meu bolso, e para que os 160 francos não saíssem de meu bolso, o médico aceitou fazer uma declaração falsa, onde ele dizia que tinha vindo me visitar, a mim, e eu fui reembolsado em 120 francos pelo Seguro Social. No entanto, isso me custou 40 francos; não estou me queixando.

E depois, com os certificados médicos, chamamos o pai, e o pai veio, então foi assim, eu estava atrás de minha escrivaniinha de diretor, bem protegido, o pai estava no lugar de vocês e a assistente social estava aqui; a assistente social é uma mocinha de 30 anos que falou com o pai e lhe disse: “mas isso não é coisa que se faça, o senhor se dá conta? E depois se o senhor continuar a fazer isso, nós vamos impedi-lo, nós vamos dar queixa; nós temos os certificados médicos e tudo o mais.” O pai se levantou, eu disse à pequena, eu disse: “escuta, a segunda pancada ele não poderia te dar pois eu já o teria acertado antes; mas a primeira eu não poderia evitar pois o tempo que eu precisaria para saltar por cima da minha escrivaniinha...”, bem, ele parou a um milímetro dela; e então se dirigiu para a porta lançando sobre mim a maldição de Alá até a... não sei qual geração. Seu negócio era... e no mais vocês

me digam, que resposta vocês lhe teriam dado?

Ele mora na parte mais abandonada. Sim, realmente, é realmente abandonada; ele disse: “meus vizinhos, lá na rua... os garotos só faltam às aulas, são uns drogados, são uns ladrões, são uns delinquentes, eles têm tudo para se dar bem, ninguém vai nunca falar nada. Já meus filhos não faltam nunca”, é verdade, “eles têm boas notas”, é verdade, “eles são educados”, é verdade, não são delinquentes, são gentis, asseados, tudo, “e vocês vêm aborrecer a mim? E vocês querem me levar à polícia? Vocês não fazem nada contra os outros, mas querem fazer contra mim?” e foi embora, na verdade ele não entendeu nada.

– *E à noite, imagino que a mulher e a filha devam ter...*

Ramus – Não naquela noite, não na mesma noite, ele esperou alguns dias. É isso, é triste... Eu não sei, se vocês quiserem, eu não tinha muitas convicções ao vir para cá... E agora as tenho ainda menos, pois não sei, tenho a impressão...

– *O senhor consegue ainda assim que não haja violência no interior do estabelecimento.*

Ramus – Que não haja violência física, brigas. A violência verbal... Lá em cima está o telefone do colégio, e o telefone, quando não há telefonista, por exemplo, agora, o telefone não toca aqui porque se alguém ligar para o colégio, ele vai tocar no meu apartamento; não há telefonista, portanto ele toca no meu apartamento; muito bem, quando minha mulher está aqui, outro dia ela veio, eu estava no apartamento de meu assistente, tínhamos ido tomar um aperitivo juntos, minha mulher tinha vindo, das cinco horas às oito e meia estávamos em reunião no centro social com meu assistente; e ela estava no apartamento funcional. E às oito e meia ela su-

biu para tomar o aperitivo conosco. Mas ela me disse: “Não agüento mais, desligue o telefone quando estou lá e você não estiver”. A cada dez minutos havia insultos pelo telefone.

– *Insultos?*

Ramus – Insultos. Ela atende o telefone – “O senhor Ramus está?” – “não, ele não está” – “ah você é mulher dele, sua vaca, puta, filha da puta, filha da puta...” mais 20 vezes, mais 30 vezes, ela me disse: “se não atender, ele toca, toca, toca”, ela chegou a contar uma vez 27 toques de campainha, ela não atendeu mais até que parasse.

– *Sim, é por isso que não conseguimos fazer a separação entre a vida privada e a vida pública...*

Ramus – É isso, e não fiz instalar uma linha pessoal, bem, porque eu disse para mim que se fizesse instalar uma linha pessoal bastaria procurar meu nome, eu não vou pedir para que meu nome seja retirado da lista telefônica, não vou me meter em coisas como essas... Portanto, quando na quarta-feira eu me tranco no meu apartamento no fim da tarde, pois tenho trabalho para fazer ou porque estou com vontade de ler ou de ouvir música, uma coisa assim, se eu desligar o telefone, isso quer dizer que meus filhos, minha mãe, minha mulher não podem me ligar, e é assim. E vocês me disseram que eu tinha conseguido impedir a violência física, sim; a violência verbal, não. E ela é muito penosa. E qual era o sentido da sua pergunta, vocês queriam me colocar uma questão...

– *... sobre as brigas.*

Ramus – Sim, mas quando digo brigas, são quando muito as brigas entre alunos que consegui suprimir dentro do colégio, mas não na rua...

– *Não no exterior...*

Ramus – E não no exterior; às vezes com meu assistente, quero dizer que a inspetora, nós prolongamos seu horário de trabalho, quando os alunos saem ao meio-dia, ela trabalha até meio-dia e quinze, quando eles saem às cinco horas, ela trabalha até as cinco e quinze para vigiar. E sempre que ela vê um tumulto, ela me telefona imediatamente e então, vocês podem estar no meu gabinete numa discussão interessante, se ela me telefona... eu os deixo, eu saio, e vamos para lá, e quando nos vêm chegar, porque chegamos correndo, chegamos correndo, para que nos vejam, porque queremos dissuadi-los, e assim parem as brigas. Uma vez na rua, damos uma volta, porque pode ser que nesse caso a briga pare ali e termine, ou então sentimos que ela vai... por isso quando vamos até lá, damos umas duas voltas e depois não vamos mais (...)

Quando eu disse aos tiras... Os policiais nos apresentam grandes teorias, eles dizem: “há três fatores, existe a repressão e nós seremos repressivos, existe a dissuasão e por fim existe a prevenção”, bem mas eu disse a eles: “eu bem que gostaria que a viatura da polícia passasse simplesmente, sem precisar parar, nas horas de saída do colégio, deste jeito. Mas os policiais dizem: “mas não, não podemos vigiar todos os colégios, este não é nosso trabalho...” (...).

– *E os bons alunos?*

Ramus – Os bons alunos ficam constrangidos porque eles são tratados como ‘caxias’. Os professores de ginástica escreveram um artigo na revista do sindicato (...) eles dizem que os bons alunos ficam constrangidos [*ele lê um trecho do artigo*]. Bem, há uma professora auxiliar que chegou este ano, que ensina espanhol, como segunda língua, que é jovem, que mora em R., que trabalha em condições

nada agradáveis porque não tem carro, tem uma filha pequena, e tem de enfrentar uma hora e meia de transporte quando não consegue carona com outros professores, mas é uma moça extraordinária. Mas ela realmente sofreu no começo.

Estamos bem conscientes daquilo que acontece, quero dizer que a apoiamos tenazmente e tudo, e a ajudamos muito a segurar o tranco, bem, e me aconteceu de recebê-la quando ela chorava e de consolá-la com a melhor das intenções, e a moça me falou de outro dia, quando numa assembléia geral eu fiz uma reflexão perfeitamente misógina sobre as mulheres que vivem discutindo entre elas e eu disse: “bom Deus, eu sonho com um colégio onde só houvesse homens e no qual poríamos tudo em ordem em apenas uma hora... poríamos tudo em ordem numa hora no bar”, eu dizia isso num modo figurado, mas ela veio conversar em particular e me disse: “apesar de eu ter sofrido bastante neste colégio, sentirei falta dele porque aqui tem um calor humano tal que...”, eu creio que aqui existem mais relações afetivas e este é um... este é um dos elementos penosos, eu creio que este é um dos elementos que me perturbam, é que não podemos nos empenhar afetivamente neste colégio; quer dizer, quando as coisas vão bem, tudo bem, e quando as coisas não vão bem, somos sacudidos emocionalmente, este é um erro, mas no fim não vejo como podemos evitar isso; e as relações entre professores...

– *Não podemos manter distância...*

Ramus – É isso, as relações entre professores ou são afetivas ou são conflituosas porque... de qualquer jeito trata-se da afetividade; ou eles são muito amigos; ou então são inimigos e agora ao meio-dia eu dizia uma coisa... há professores que não podem tomar a palavra juntos numa assembléia geral de professores; e digo que

se tivesse que resolver conflitos ou divergências políticas, sindicais, pedagógicas, eu teria alguma chance, mas aqui, são divergências viscerais, de ordem física. Então, se vocês preferem, existem aspectos muito atraentes, também.

– *Seu colega do liceu, o que é que ele diz de tudo isso, ele tem os mesmos alunos. (...)*

Ramus – Não são os mesmos alunos; não são os mesmos alunos; ele não tem nem a metade dos alunos.

– *Sim, digamos que já existe uma seleção (...)*

Ramus – Não são os mesmos alunos, não são as mesmas idades e não existem as mesmas pressões. E ele, por exemplo, me censuraria duramente por dar muita proteção, muita assistência, o que faz com que os garotos não tenham muita autonomia e não trabalhem tão bem na escola. Para alguns, eles perdem seu tempo na escola.

– *Há menos problemas de disciplina...*

Ramus – Ah! Não é de jeito nenhum a mesma coisa; minha mulher, na escola onde ela trabalha, ela não sabe o que são problemas de disciplina; no entanto, acontece coisa parecida em F.; houve ano passado no liceu F. agressões contra os automóveis dos professores, que ficaram completamente arruinados, portanto essas coisas acontecem. No liceu B., também no ano passado, houve uma professora que acabou espancada na saída de um conselho de classe por um aluno norte-africano originário do município. Bem, as coisas são assim. Mas enfim, estas coisas não têm nada a ver com...; isso não tem nada a ver com o dia-a-dia dos colégios: nos colégios, temos realmente todos os alunos. (...) Vocês estão ao ponto de me dizer que se fossem franceses, enfim de origem, mas que fossem pobres, aconteceriam os

mesmos problemas? Na minha opinião, sim. Sim, mas exatamente, estou bem consciente disso, o problema vem do fato do amontoamento de famílias com problemas, qualquer que seja sua origem social, enfim, qualquer que seja a origem racial: quanto a isso há concordância.

– *Duvido que se encontre uma solução precisamente de ordem social...*

Ramus – Mas, por exemplo, uma das maneiras de melhorar o que aconteceu em Vénissieux, em Minguettes em 1981, bem, depois os problemas diminuíram porque o amontoamento das populações diminuiu, eles esvaziaram os apartamentos, esvaziaram as torres e demoliram as

torres quando estavam vazias. Eu sou oriundo de Vénissieux, toda minha família é proveniente de Vénissieux, meu pai nasceu em Vénissieux, todos os meus tios, minhas tias e meus primos são de Vénissieux. Em 81 efetivamente na grande época em Minguettes era realmente horrível: hoje em dia existe quase que o mesmo tipo de população mas já bem menos amontoada. Já existe mais espaço. As pessoas começam a voltar a respirar. Portanto existe a categoria social, mas existe também provavelmente o efeito do amontoamento, creio eu.

Abril de 1991